

## APRESENTAÇÃO

*Cláudio Novaes Pinto COELHO\**

Guy Debord, nas suas reflexões sobre a sociedade do espetáculo, argumenta que este conceito não deve ser confundido com uma afirmação dos meios de comunicação como o poder dominante. Trata-se de um conceito que procura compreender as características da fase contemporânea da sociedade capitalista, marcada pela articulação entre produção de imagens e produção de mercadorias. O ponto de partida das reflexões de Debord é uma atualização da crítica da economia política feita por Marx no século XIX e da crítica à reificação das relações sociais no capitalismo feita por Lukács nas décadas iniciais do século XX.

Investigar a sociedade contemporânea significa analisar os vínculos entre o processo de acúmulo de espetáculos e o processo de acúmulo de capital. Crítica da economia política e crítica da comunicação complementam-se, como fica evidenciado pelos argumentos desenvolvidos no primeiro texto deste dossiê, escrito por Emerson Ike Coan. O artigo aborda a transformação da informação em mercadoria e a estetização da notícia que acompanha esta transformação. Na sociedade do espetáculo, a linguagem publicitária é a forma hegemônica da comunicação, há uma ruptura da fronteira entre a informação e o entretenimento, particularmente no telejornalismo, que precisa se adaptar ao ritmo das mensagens publicitárias. A preocupação com a forma, com a aparência das notícias, com o impacto que elas provocarão no público, é inseparável da superficialidade que caracteriza o jornalismo contemporâneo, do seu abandono de qualquer pretensão de situar historicamente os acontecimentos. Fetichismo da mercadoria e fetichismo das imagens entrelaçam-se na comunicação contemporânea.

Para a visão crítica da sociedade capitalista que vai de Marx a Debord, passando por Lukács, a presença do fetichismo da mercadoria gera uma consciência

---

\* Faculdade Cásper Líbero. Pós-Graduação. São Paulo – SP – Brasil. 01310-940 – caudionpcoelho@uol.com.br

social fragmentada, incapaz de compreender a sociedade como uma totalidade internamente contraditória. Só o desenvolvimento da consciência de classe do proletariado seria capaz de superar os efeitos do fetichismo da mercadoria. Contemporaneamente as correntes teóricas pós-modernas reforçam a fragmentação das consciências afirmando a fragmentação como um processo social incontornável.

O artigo de Mara Rovida diferencia-se dos demais publicados neste dossiê por assumir uma postura sociológica de inspiração durkheimiana para questionar as visões que postulam a fragmentação da realidade social. Dialogando com os argumentos de Debord sobre a sociedade do espetáculo, e utilizando o jornalismo como objeto de reflexão, a autora defende que a tendência para a segmentação presente no jornalismo contemporâneo pode ser melhor compreendida se for relacionada não a um processo de fragmentação social, mas sim a um reforço da solidariedade interna de grupos sociais baseados nas atividades profissionais. O jornalismo de informação geral, voltado para um público abrangente, e marcado pelo processo de espetacularização, é quem colaboraria para uma consciência fragmentada.

A expectativa de que a informatização dos processos comunicacionais, e a interatividade que ela facilitaria, propiciaria uma ruptura com a alienação inerente à sociedade capitalista é analisada criticamente no artigo escrito por Gilda dos Anjos e Vanderlei Ezequiel, em especial no que diz respeito ao Governo Eletrônico. Para os autores, que utilizaram documentos oficiais para a análise do e-Gov, a cidadania virtual é uma cidadania espetacularizada. O Governo Eletrônico acentua o individualismo da sociedade capitalista, esvaziando a dimensão coletiva do exercício da cidadania, pois direciona a relação Estado/Sociedade para um contato individual com a imagem do Estado divulgada nos sítios governamentais. Desde sua gênese, o Governo Eletrônico, sob a influência da ideologia neoliberal, reduz a noção de cidadão à noção de cliente/usuário dos serviços públicos. Além das dificuldades para concretizar a prometida universalização dos serviços públicos colocadas pela chamada exclusão digital, os autores do artigo chamam a atenção para o fato de que, de acordo com dados oficiais, mesmo a camada social que tem acesso aos serviços do e-Gov majoritariamente prefere o contato pessoal, não virtual, com o serviço público. O texto de Gilda dos Anjos e Vanderlei Ezequiel mostra os limites para o avanço da cidadania sem uma transformação das relações entre Estado e Sociedade para além da lógica do capitalismo espetacular, que reforça a distância, a separação entre o indivíduo e as instituições sociais.

Refletir sobre as perspectivas de transformação da sociedade capitalista do espetáculo é a proposta do texto redigido por Fábio Cardoso Marques. O artigo aborda as afinidades entre o conceito de sociedade do espetáculo de Debord e o conceito de sociedade unidimensional de Herbert Marcuse para analisar as

dificuldades para esta transformação. O autor chama a atenção para o papel desempenhado pelo fechamento do universo da locução, com a linguagem sendo utilizada para a produção de clichês e mensagens superficiais, que são elementos da sociedade unidimensional, contribuindo de maneira decisiva para as dificuldades de manifestação do pensamento crítico e de movimentos sociais e políticos de oposição à sociedade capitalista. Esta mesma dificuldade para o pensamento crítico e a ação social transformadora é atribuída por Debord à presença, cada vez maior, de meios de comunicação que têm como linguagem básica a produção de imagens. Mas, as perspectivas de transformação não deixaram de existir, já que a sociedade capitalista é atravessada por contradições, como a utilização da razão para um desenvolvimento tecnológico direcionado para objetivos irracionais, como a manutenção e intensificação das relações de exploração dos trabalhadores e da destruição da natureza. Residiria na confluência entre movimento socialista e movimento ecológico, o ecossocialismo defendido entre outros por Michel Löwy, a perspectiva mais promissora para a transformação da sociedade capitalista do espetáculo.

Se os artigos publicados no dossiê desta edição de Estudos de Sociologia evidenciam que a crítica da economia política e a crítica da comunicação são complementares, eles indicam também que esta crítica só pode se concretizar mediante a ação política transformadora. A abordagem sociológica da sociedade do espetáculo, inspirada nos argumentos de Debord, não pode deixar de reconhecer que a crítica da economia política e da comunicação são imprescindíveis, ao mesmo tempo em que também não pode deixar de reconhecer que tudo se decide no terreno da política.

